

*Mais uma vez, e no contexto da espiritualidade quaresmal, a Igreja católica no Brasil lança a Campanha da Fraternidade, agora com o tema Fraternidade e Juventude, e o lema “Eis-me aqui, envia-me!” (Is 6,5). Tema e lema da CF 2013 estão sintonizados na realização dos objetivos desta Campanha: possibilitar uma sincera acolhida aos jovens, propiciando caminhos para seu protagonismo no seguimento de Jesus Cristo, na vivência eclesial e na construção de uma sociedade fraterna fundamentada na cultura da vida, da justiça e da paz.*

*Do objetivo geral desdobram-se três objetivos específicos:*

- 1. propiciar aos jovens um encontro pessoal com Jesus Cristo, a fim de contribuir para sua vocação de discípulo missionário e para a elaboração de seu projeto pessoal de vida;*
- 2. possibilitar aos jovens uma participação ativa na comunidade eclesial, que lhes seja apoio e sustento em sua caminhada, a fim de que eles possam contribuir com seus dons e talentos;*
- 3. sensibilizar os jovens para serem agentes transformadores da sociedade, protagonistas da civilização do amor e do bem comum.*

*Isso nos conduz à reflexão sobre o modo de ser jovem, na Igreja e na sociedade. Impele-nos à construção de uma Igreja jovem, que assuma efetivamente um processo de nova evangelização da/com a juventude.*

*A compreensão de “juventude” tem origem histórica e apresenta variações na forma e no conteúdo, seja com relação aos “jovens” do passado e, certamente, também do futuro. “Juventude”, como hoje entendida, é uma forma de comportamento resultante de uma realidade conjuntural, associada à formação da sociedade industrial moderna. Não é que, estritamente, não houvesse juventude antes, mas sua construção obedecia a um modelo social diferente, com compreensão também diferente em relação à de hoje.*

*Além das múltiplas compreensões no tempo, a juventude possui também múltiplos rostos. Exatamente nisso está a sua diversidade de*



*significados. Não existe uma realidade juvenil única. Por isso falamos hoje de “juventudes”, com diferentes expressões nos grupos, comunidades, setores da sociedade, tribos... Embora “ser jovem” implique uma série de características comuns aos que têm a mesma idade, é uma experiência altamente diferenciada entre os próprios jovens, por fatores socioeconômicos, religiosos, geográficos, étnicos, de gênero etc. São muito diferentes os rostos de jovens economicamente abastados, dos rostos de jovens desempregados ou dos que vivem no subemprego; são diferentes os rostos de jovens estudantes universitários situados nas grandes cidades, com esperanças no futuro, dos rostos cansados de jovens indígenas e camponeses que vivem sem expectativas no presente e no futuro. Temos rostos jovens moldados pelo poder das mídias, computadorizados, imagens do facebook, e jovens analfabetos digitais. Diferem, também, o rosto dos jovens com dependência química, dos que sofrem situações de violência ou se tornaram violentos no submundo do tráfico e das injustiças; jovens com rostos moldados pela academia e pelas clínicas de estética, e jovens portadores de deficiências físicas; jovens com rosto de dor pela ausência da fé e da esperança, e jovens que expressam, em suas canções e seus hábitos, convicções acerca do futuro em Deus e de uma sociedade de paz, de justiça e de fraternidade...*

*A realidade plural do mundo jovem faz da juventude uma experiência distinta para cada pessoa. Ser jovem é algo próprio e diferente, originando diversos estilos que dão conta de experiências diferenciadas, expressas mediante a construção de estilos de vida. Há subculturas juvenis, heterogêneas entre si. No interior de cada um destes micro-universos jovens, diversas manifestações simbólicas são reordenadas e recontextualizadas, resultando na construção de um estilo juvenil próprio, que se expressa na linguagem, na arte, no consumo e criação dos bens, na estética, na sexualidade, numa religião. Por essas expressões, o jovem de hoje – como em outras épocas – busca dizer quem ele é e a que grupo pertence.*

*Muitas expressões do mundo jovem, além de manifestar a própria identidade, apresentam também resistências frente à realidade de um mundo globalizado que uniformiza o comportamento das pessoas. A apropriação de certos espaços geográficos e culturais (verdadeiros territórios juvenis), como também a ação dos “grafitti” – onde os jovens marcam seus territórios – são afirmações de identidade, manifestação de sentimentos pessoais ou do grupo. Neste sentido entendem-se também*



*a apropriação do próprio corpo e a inscrição do selo distintivo pelas perfurações corporais (piercings) e tatuagens (tattoo), como a fala de verdadeiros grupos tribais.*

*Estas formas de ser jovem se configuram e são orientadas pelos relacionamentos que envolvem a subjetividade, os afetos, as emoções e os anseios profundos de cada um, com tendências a colocar em segundo plano as construções marcadas pela racionalidade. Os vínculos afetivo-emocional da vida tribal, coletiva, com características comunitárias, buscam compensar a atomização e a desagregação das relações sociais.*

*Uma compreensão ampla das juventudes dos nossos dias só é possível no horizonte amplo da realidade sócio-cultural em que vivemos, conhecida como “época de mudanças e mudança de época”. Nas sociedades antigas existiam linhas que marcavam exatamente o momento de transição da juventude para a idade adulta – nas sociedades arcaicas, os rituais de circuncisão; mais tarde, o casamento e o início do trabalho eram momentos-chaves para adquirir a condição de adulto. Atualmente, as linhas que marcam as fronteiras entre a juventude e a idade adulta são mais vagas, e os jovens consideram a vida cada vez mais como algo instável, flutuante, descontínuo e reversível.*

*Na época em que vivemos, as culturas deixaram de ser corpos compactos e homogêneos. Hoje vale o que se chama de “culturas híbridadas”, onde convivem manifestações diversas e – às vezes – contrapostas, num mesmo espaço, não sem tensões na construção das identidades. A sociedade atual não mais vive de acordo com padrões preestabelecidos (em grande medida lineares e determinados de fora), mas percorre diversos caminhos, por vezes em conflitos. Além disso, não estamos numa sociedade de conquistas permanentes; os estudos já não são para toda a vida; o trabalho é instável e dificilmente único; o espaço social onde se morou sempre, já não se projeta até a morte, entre outras características. Há também o paradoxo de um avanço incomensurável em redes de comunicação, mas, ao mesmo tempo, de grandes cidades povoadas por anônimos.*

*No marco destas profundas mudanças, que não só afetam mas que possibilitam um protagonismo diferente das juventudes, é possível fazer duas observações:*



1. *Hoje os limites demográficos para definir a juventude estão em questão. A compreensão de que o jovem é aquela pessoa que tem entre 15 e 24 anos parece superada. A idade deixou de ser um parâmetro fundamental que distingue socialmente uma fase de outra, e ganha cada vez mais importância o fator de “passagem” ou “trânsito”. Hoje resulta fundamental concentrar-se nas transições, já que estas, em si mesmas, são inerentes ao jovem e não as idades, que podem variar e variam significativamente. E dentro do conjunto amplo de transições, duas delas são as principais: a passagem da educação para o trabalho e a passagem da família de origem para uma outra.*
2. *Numa realidade de ausência de itinerários lineares, as transições facilmente podem sobrepor-se. A sobreposição de diferentes fases da vida é hoje um dado majoritário: ser estudante e ter responsabilidades como pai ou mãe, porém vivendo na casa paterna, é cada vez mais freqüente. Como também o trabalhar e seguir estudando, porém dependendo dos pais. Um claro paradoxo da sociedade atual consiste em encurtar a infância, mas alargar a adolescência. Hoje incita-se as crianças a terem prematuramente comportamentos adolescentes, gerando neles uma precocidade que não é sinônimo de maturidade. A criança é tratada como adolescente. Por outro lado, tem-se o filho de quase 30 anos, que estuda ou que não tem trabalho, mas que se sente despreparado para cortar o cordão umbilical e/ou simplesmente não quer deixar, ainda, as comodidades do lar familiar.*

*E há a questão da religiosidade, ou religiosidades, das juventudes dos nossos tempos. Como é característico à época em que vivemos, também para as juventudes a pertença a um credo ou comunidade religiosa específica não é tão pertinente. À questão “como as juventudes se relacionam com a religião?” leva-nos à constatação de que os jovens, em sua maioria absoluta, são “jovens religiosos sem religião”. Não se manifestam como ateus ou agnósticos. Mas também não vinculam sua experiência religiosa à pertença a uma comunidade específica.*



*Nesse contexto, emergem inúmeras questões: como construir uma sociedade de valores humanos e religiosos, onde a diferença e a singularidade encontrem seu espaço? Como conseguir uma sociedade aberta para o global, mas que respeite a dimensão local? Como orientar o desenvolvimento das capacidades para competir no mundo de trabalho, sem desconsiderar a preocupação pela igualdade de oportunidades? Como obter equivalência entre o desenvolvimento material e o espiritual das pessoas?*

*Para a Igreja, essas questões se resumem em uma: o que é e como evangelizar? Paulo VI, na sua Exortação apostólica “Evangelii Nuntiandi”, de 1975, convida-nos a voltar o olhar especial para a juventude, uma população que cresce rapidamente, principalmente nos centros urbanos, apresentando-lhe o Evangelho com zelo e cuidado. Entende que a cultura juvenil sempre é aberta ao novo e à verdade. Já na Carta Apostólica “Octogesima adveniens”, de 1971, o mesmo Papa, preocupado com a cultura urbana dos jovens no mundo industrial, pergunta “qual seria o lugar dos jovens na mutação industrial e qual seria o seu papel na transformação social” (n. 13). Percebe-se que a preocupação de Paulo VI era a dignidade da pessoa do jovem e a valorização da cultura juvenil. Pois sabia que a juventude era portadora de aspirações, de renovação e, também, de inseguranças quanto ao futuro.*

*Na América Latina, os bispos reunidos na Conferência de Puebla (1979) proclamaram uma “opção preferencial pela juventude”. Opção continuada nas Conferências posteriores. E no caminho de sensibilização da relação entre Igreja e juventudes, vai também a Igreja no Brasil, como o demonstra a CF 2013. O fundamental não é falar do Evangelho ou fazer coisas “para” os jovens. Mas torná-los protagonistas da própria evangelização. É isso que a CF 2013 quer favorecer. Trata-se de uma evangelização integral, do jovem e do seu meio, de todos os jovens e do jovem como um todo.*

*A revista Encontros Teológicos vem, neste número, dar a sua contribuição para que a CF 2013 seja de fato acolhida e vivida em nossas comunidades. Para isso oferece aos seus leitores reflexões consistentes sobre temas relativos às juventudes. Luiz Carlos Dias apresenta a CF 2013 “Fraternidade e Juventude – O protagonismo dos jovens na Igreja e na Sociedade”; Anísio José Schwirkowski trata sobre a “Jornada Mundial da Juventude – Nova Evangelização em ação”; Eduardo Pinheiro*



da Silva *reflete sobre “Espiritualidade Juvenil – A alegria de ser firme na Fé”*; Antonio Ramos do Prado, *apresenta um significativo estudo da “Cultura Juvenil Urbana”*; Maria Eugenia Lloris Aguado *mostra “ Presença da Igreja no meio universitário”*; Celso Loraschi *relaciona “Bíblia e Juventude”*; Luis I. J. Stadelmann, *nos escreve o “Poema sobre a juventude na Bíblia – Medidas preventivas contra a depressão”*. Ney Brasil Pereira *analisa em que consiste “A força dos jovens – na primeira carta de João”* Temos, ainda, *Recensões e Crônicas*.

Elias Wolff